

## Dicionário subversivo

A

(Continuação)

**AMOR** — O «soberano e eterno amor» não é outra coisa senão a forma da atracção sexual própria dos seres chegados a um certo grau de desenvolvimento.

**AMOR DA PATRIA** — Sentimento artificial, diferente do amor da terra natal, que é um sentimento natural. Gera a vaidade e o odio, o que não quer dizer que não seja capaz de elevados feitos, quando «não movido de premio vil».

**ANALFABETISMO** — Mancha que nos envergonha aos olhos do mundo. Parece uma definição do conselheiro Acacio e é do chefe de um dos partidos da Republica Portuguesa.

**ANTISEMITISMO** — Movimento demagogico; vanguarda do jesuitismo puro. Produz-se como uma das ultimas convulsões da ideia militar e religiosa. (A. Naquet).

**APOSTASIA** — E' o abandono de uma opinião, de uma doutrina, que publicamente se seguia, — por motivos de interesse pessoal, calcul ou pusilanimidade. Equivale ao «sacrificio» da abjuração. Alguns a elevam á altura de um principio. L'homme absurde est celui qui ne change jamais», diz o celebre verso francês.

**ARBITRARIEDADES** — Abusos do poder; justiça de Fafe, quando não é justiça de mouro.

**ASPIRAÇÕES POPULARES** — Forma atenuada da expressão «reclamações do povo», sob a qual os politicos demagogos ocultam a vehemencia dos proprios desejos.

**ATAVISMO** — A forma perniciososa da rotina. Leva uns a ser mandarins e outros mandados; erige uns em exploradores da consciencia e da passividade alheia e submete outros á exploração.

**ATEU** — E' um crente que nega, como o deista é um crente que afirma.

**AUDACIA** — Arma com que em politica se conseguem grandes vitorias. O politico que a esgrime com oportunidade abre caminho por entre a multidão e alcança o premio concedido á idade e ao talento; o que não sabe usá-la a tempo e com destreza fere-se nela e fica inutilizado para todo o sempre. (Juan Rico).

**AURA POPULAR** — Gaz indisponivel em certos tempos, segundo um escritor, para elevar rapidamente os baldes politicos; sem uma boa porção nunca poderiam elevar-se á altura dos ministerios. Em Portugal os politicos do novo regimen tem sido tão inabéis nas suas ascensões aerostaticas, que, uns atrás dos outros, veem caíndo das alturas entre os risos dos curiosos.

(Continua)

Nn.

## A PROPOSITO DA GUERRA

Então porque se batem? — A Internacional

*Porque lutamos* é o titulo de um artigo em que Jean Grave, analisando a ideia dos anarquistas partidarios da não participação na guerra, — ideia em cuja defesa, diz elle, procedem sumariamente e sem bastante exactidão — dá algumas explicações da sua attitude. São dêsse artigo estes periodos:

«A guerra, dizem ainda os partidarios da neutralidade (como se pudessemos ser neutros!) anarquista, nada de bom pode trazer consigo, só reforça o militarismo.

«Nós o reforçaríamos bem mais, cruzando os braços, condenando-nos ao silencio, se nos separassemos do resto da população.

«O que diziamos da guerra antes de ela rebentar, não mudou porque nós não pudemos impedi-la. O que diziamos dantes permanece verdadeiro agora que ela mostra toda a sua violencia, e mais provado será quando se fizer a enumeração das perdas.

«A guerra só pode produzir dores e ruínas. E' um recuo da humanidade. E' um regresso á barbaria. Atrás dela só veem doenças e miseria. Filha da ignorancia, não faz se não aumentá-la. Dela só pode sair uma recrudescencia de opressão e exploração.

«Então porque se batem?

«Porque:

«1.º — Era impossivel proceder doutra forma. Impotentes para sublevar a opinião publica, afim de impedir o massacre, toda a tentativa isolada não passaria de um sacrificio, proveitoso apenas para o agressor, para o fautor directo da guerra, para o que a preparara e quisera, para o militarismo dealemão;

«2.º Porque se o militarismo triunfasse, teriamos toda a Europa sob uma dominação de ferro, teriamos o apagador sobre toda a ideia de eman-

ciação: era a Europa votada por nós, não sabemos durante quantas gerações, aos armamentos estupidos, ás guerras de desforra.

«Ajudando a repelir essa onda de reacção, contribuindo para a falencia dos planos do militarismo prussiano nós procuramos acautelar o futuro, tentamos salvar do naufragio o que das ideias de livramento puder salvar-se, defendemos o nosso direito de intervir quando, acabada a guerra, se debaterem as novas condições de existencia para Europa».

Segundo uma entrevista publicada num jornal norueguês, Liébknecht proferiu estas palavras: — «Nós não nos podemos apresentar ante a Internacional, emquanto não tivermos resgatado as nossas culpas». A proposito escreve Ch. Albert:

«Não podemos esquecer que a agressão do povo alemão contra o povo francês foi dirigida por uma coalisção de chefes: chefes dinasticos, chefes militares, chefes politicos, chefes capitalistas e tambem — que tristeza! — chefes socialistas.

«Para os que foram á Casa do Povo de Bruxelas verificar como os seus irmãos belgas agonizavam sob a pata prussiana; para um Legien censurando o Vorwaerts, porque este provara que nós não tiravamos os olhos aos feridos alemães; para os socialistas e sindicalistas do imperio, nós não podemos ter senão desprezo, um imenso desprezo.

Emquanto essas culpas — ou esses crimes — não tiverem sido reparadas, e reparadas não por palavras, mas por actos, não haverá Internacional possivel. Ou então nós trahiríamos os nossos mortos, trahiríamos o nosso ideia, trahiríamos a propria Internacional».

## Carestia da vida

Tem proseguido ahi, em sessões de protesto contra a ganhuça, o movimento iniciado pelo Nucleo Juventude Libertaria acerca da carestia da vida.

No Porto tambem semelhante movimento não afrouxa. Ainda no dia 7 se realizou no Teatro Antero do Quental, um comicio do povo operario do bairro das Antas, no qual fez uso da palavra o camarada Manuel Joaquim de Souza, defendendo uma moção em que se protesta contra a ganancia dos exploradores do povo e se incita a população portuense a unir-se para entrar numa acção mais energica e decidida, no sentido de ser atendida nas suas reclamações.

## Sem trabalho

Tornaram a fazer falar de si os operarios sem trabalho. Desta vez com algum desdouro deles mesmos, porque se espalhou que no seu seio se introduziu a formiga... especuladora.

Foi o caso que, por ter mudado de governo a nação, as guias não eram distribuidas, isto é, os poderes publicos não atavam nem desatavam em distribuir trabalho nas obras do Estado, resultando dahi... o diabo para alguns padeiros e taberneiros.

## A «carne de canhão» em Angola

Um amigo nosso, recebeu dum expedicionario graduado, que se encontra em Angola e que se tem batido, as seguintes noticias, datadas de 27-11-914:

«Tudo isto é uma burla, o mais escandaloso dos «contos do vigario». Estamos aqui no Cunene, cerca de 1.400 homens, atirados sem contemplação para este cemiterio, na perspectiva de soffermos as contingencias do clima mortifero pela aproximação das chuvas, da falta de mantimentos e da impossibilidade de elles aqui chegarem, porque os trabalhos preparatorios que, um m'z antes da partida da expedição, Roçadas mandara fazer a esses... que dão pelo nome de Norton, Felner, e Djalme, todos elles, por falta de escrupulos, de nada quizeram saber. De modo que tendo-se agravado os factos aqui, no Cuamato, e não havendo postos de *étape*, tendo mesmo destruido ha. racões e abandonado «cacimbas» (reservatorios d'agua) do tempo de João d'Almeida, a unica coisa decente que se tem feito neste sul d'Angola, tivemos que vir *in extremis*, sacrificando tudo. Essas coisas magnificas, esses serviços de saude completos, enfim essa organização divina desta expedição que representa para nós a maior das vergonhas, está tudo, tudo encaixotado em Mossamedes! Esses coloniais de... das portas dos catés, esses militares

de... ainda não-de dizer que nos aguentemos no balanço: pois assim será até rebentarmos todos. Depois do paiz rebentado, salguem o territorio e fundem outra nacionalidade encartada em melhores elementos. A respeito de alemães, por ora tudo *buchas*; aqui só ha dois inimigos: o anofelis e os governadores geraes. Até um dia, em que escreverei mais de largo, pois tenho tudo apontado.»

Sabemos que ha mais e melhor. Vá o povo conhecendo as coisas para depois saber pedir contas aos patriotas d'oficio.

## E a Belgica?

Visando manifestamente um de nós, a *Aurora* afirmou que a intervenção belga na guerra actual se cifrava em encontrar-se a Belgica no caminho de dois molossos. Como para nós o caso não revestisse tamanha singeleza, apontamos-lhe factos que naturalmente a levariam a *rever* a sua opinião. E ela, referindo-se lialmente só a um, diz que isso não influe... no facto de ser esta guerra uma luta entre Estados. E diz bem; tão bem como se acrescentasse — nem no facto de haver cabaças; tão bem que até nos dispensa da replica.

## A questão do pão

Estava paginado o ultimo numero do *Germinal*, quando vimos publicado o decreto que permite a importação de trigo exotico aos respectivos fabricantes matriculados. Se não fosse isso, teriamos feito a necessaria modificação no que escrevemos, visto como já então o encargo financeiro, que acima do normal, traz consigo a importação — calcula-se o seu custo total em uns 15.000 contos — fóra dividido entre o governo e a moagem, ao que parece. Suporta esta a sua parte, sem aumentar o preço do pão? O decreto dos novos tipos responde negativamente. A imprevidencia, a incuria dos governantes a esta situação conduziu. E não é barafustando contra a lei dos cereais, como alguns fazem, que se lhe dá remedio.

## Abaixo a guerra!

Assim clama em todos os seus numeros o orgão do partido socialista português. Mas, ou porque fala baixo ou porque fala de longe, o certo é que não logra ser ouvido pelos seus correlegionarios do teatro das operações guerreiras. Os socialistas ingleses, afirmando a sua unidade de vistas, convidam todos os companheiros a não se deixarem iludir nem votarem qualquer moção que não seja compativel com a continuação da guerra; e um dos deputados socialistas alemães, Schoenflin, pronunciando-se contra toda a propaganda prematura em favor da paz, declara: — «os interesses do povo alemão prohibem absolutamente ao partido socialista da Alemanha o exercer, pela sua acção no interior, qualquer pessão, sobre o governo para apressar a conclusão da paz.» Porque não faz ouvir o orgão notas mais altas?